

papéis convulsos

ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE

papéis convulsos



Infothes Informação e Tesouro

P682 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
 Papéis convulsos. / Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.
– São Paulo: Annablume, 2008. (Coleção Dix Editorial)
 50 p.; 11,5 x 21 cm

ISBN 978-85-7419-810-1

1. Literatura Brasileira. 2. Contos. 3. Autobiografia.
I. Título. II. Série.

CDU 869.0(81)

CDD 890

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

PAPÉIS CONVULSOS

Coordenação Editorial
Joaquim Antonio Pereira

Produção
Catarina C. L. Pereira – Paginação

Capa
Carlos Clémen
(desenho 1993)

1ª edição: abril de 2008

© Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Dix Editorial
Uma publicação da Editora Annablume
Rua Tucambira, 79 . Pinheiros
05428-020 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidas 3031-1754
www.annablume.com.br

Um prefácio

Como ler estes papéis convulsos? Sorvendo ecos entre missas e triângulos? Maldizendo a beleza que não pode ser senão convulsiva? Nem machados, nem batailles, nem bretões. Estes são escritos de gaveta indisciplinadamente desarquivados pelo autor que, em menos de um ano, publicou um romance, um livro de poemas e agora...papéis. A linha que os enfeixa sai da voz que assume uma autoria-quasi-autobiográfica, quase de contos. No entanto, essa voz impede a certeza. E é mesmo para impedir. Não apenas porque o narrador, como o leitor verá, se posiciona dentro das narrativas, delas participando como personagem, mas porque ele está a todo o momento apontando de forma acintosa para sua parte maldita.

De onde saem tantos excessos? Carmela cara de cólica, Bolinha e Luluzinha, Zangão e Ronald Golias, Carlota, Maria Clara e Ana Maria, Verônica Vox, Daniela e Marina – são personagens que transitam habilmente no limite de existências extremas, que se comprazem na dor, na paixão, no espelho. Maior é o sentimento que o sentido. O narrador nega movimentos conclusivos investindo de forma acintosa no delírio da razão, gozando o sentimento poético *da máquina do mundo nos olhos de Maria Clara* e seus companheiros de papel.

São cabalisticamente sete papéis – Sita e Ravana; viva vaia; conto marrom; papéis convulsos; conto vermelho; Lolita from hell e memória seletiva. Sete papéis a rebaterem dois a dois, uma convulsão no meio e música, muita música, até em Verônica que volta de Amsterdã com Vox. *O que se faz*

com palavras se desfaz com elas, diz o narrador no início de viva vaia, o segundo dos papéis. Portanto, a dificuldade de ler histórias que se dão por fragmentos, efeito do recorte, vem do esgotamento das seqüências escolhidas pelo narrador que obriga o leitor a recuar diante de uma imaginação adusta e cobiçosa, insaciável principalmente, avessa à realidade sobrepondo às coisas da vida outras de si mesmas; daí as curiosidades irremediáveis no ar pensativo de John Coltrane e Carla Bley. O que fazem ali senão provocar desvios na experiência de transbordamento própria do poético?

Não se engane o leitor. Estes papéis ganham em convulsividade na medida mesma em que se mostram como a parte pobre do nosso delírio, a vontade extrema de nos afirmarmos na transgressão, na solidão ilimitada e perversa do mundo ordinário. Posto em ata, o que foi contado (ina)divertidamente refaz o percurso de cinderelas e justines, destituindo a esquisitice diegética da linearidade conseqüente. Realizam sínteses provisórias em que retornam ações, cenas e personagens ora em ritmo de contraponto, ora em improvisações.

Nos *papéis convulsos* de Antonio Vicente a vida está guardada em gavetas desarrumadas, caixas de papelão sem etiquetas e sem datas, onde nem ao menos a beleza se esconde, nem é injuriada.

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Campo Grande, 08 de março de 2008

Maria Adélia Menegazzo é professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande, onde leciona Teoria Literária e História da Arte no curso de Letras.

para o amigo leal
Wallace Ricardo Magri

Sumário

Sita e Ravana	11
viva vaia	17
conto marrom	21
papéis convulsos	29
conto vermelho	35
Lolita from hell	39
memória seletiva	45

Sita e Ravana

John Coltrane estava pensativo ao lado do piano de cauda. No meio da coleção, suas obras foram colocadas com Charles Mingus, Cecil Taylor e Ornette Coleman. Bem acompanhado, ele permanecia ali, na parede da sala.

Carmela vinha de Madri e trouxera consigo a coleção de CDs, e não me diga que é parte sendo todo, se a parte o faz todo, sendo parte, se nos diz as partes todas deste todo.

Contudo, entre Dexter Gordon e Paul Desmond, Carla Bley e Miroslav Vitous, uma coletânea da Suzanne Vega.

A Espanha é um lugar curioso. Foi em Madri que fumei haxixe pela primeira vez; meu primeiro haxixe e minha primeira Guines. “É tão densa que parece milk-shake”, disse um cara dali – o cara famoso porque já havia quebrado todos os ossos do corpo.

As moças de Madri usam vestidos com bolinhas, nas magras fica um tesão, só que as barrocas ficam gordas, e as gordas ficam de circo. Carmela era magra e usava calça comprida. Tem mais: trocava o pretérito perfeito pelo passado composto, e eu acho que estava menstruada, Carmela cara de cólica.

O equilíbrio de poder literário da Europa latina é assim: Portugal tem uma estátua de Camões; a Espanha, tantas de Cervantes; a Itália, de Dante; e a França não tem estátua de ninguém. Deveriam ter uma do Marquês de Sade, mas também não tiveram o cuidado de guardar a cara do homem.

Carmela presa na Bastilha, o mesmo ator que fez papel de Fred Krueger fez também papel de Sade.

Contei para Carmela que se Coltrane não havia salvado meu casamento, pelo menos adiar a separação por mais alguns anos. Anos de chumbo, por isso, dizia para Carmela que uma vez ouvi em um documentário que seus improvisos eram como romances, não como poemas, nem todas as notas são importantes neles.

Sobram notas por aí, Carmela, feito suas unhas pintadas da mesma cor escura dos cabelos.

Rosto enquadrado na janela, corte Chanel, vermelho... Parecia peruca em cima da cabeça dela; parecia porque a cabeça dela parecia aquelas cabeças de pousar peruca.

A consciência pesa – dá vontade de rir – Carmela me lembra um palhaço de plástico da infância quando sorria. Ganhei o brinquedo da tia, era um palhaço vermelho, da cabeça branca, cabelo Chanel amarelo e o chapeuzinho. Veio num saco plástico cheio de balas – as balas brindes do palhaço, o palhaço brinde das balas, Carmela era bonita e parecia o palhaço.

Também acho que quem gosta de Tchaikovski não entende muito de música, só que para Carmela virava problema pessoal. Xingou o cara de bicha, falou que é coisa de viado que curte astrologia, fã do Moby Play, leitor de José Saramago...

A indecência é relativa.

Certa vez, vi uma crente na rua, tomando conta da banca de jornais velha e desfalcada. A banca servia de capela para menina negra, de cachos até a cintura, que transfigurava: camisa comprida arregaçada nos pulsos, saia abaixo dos joelhos, as canelas finas, o pé sujo, descalça, desmazelada. O cabelo desalinhou espetado, feito renda; o véu de Maria e o rosto bonito.

A alma exterior das pessoas, que pode ser um botão de rosa, um livro, uma cavatina, uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, é difusa. Fosse mais jovem, com certeza já estaria perguntando a Carmela se conhecia *La vie de saintes*, de Georges Pichard; comecei a crucificar Carmela e a ficar de pau duro.

Uma amiga já dizia que mulher se insinua mostrando os pés. Se estiver descalça, continua.

Carmela continuava. Sentada na poltrona de couro surrado, colocou sem mais nem menos os pés sobre a mesa.

Em um dos capítulos do *Curva de rio sujo*, do Joca Terron, há o episódio em que ele e o amigo encontram corpos desovados pela polícia política da ditadura militar na represa de Juru-Mirim, em Avaré, interior de São Paulo. Um dos corpos é de uma moça, “ela estava bastante machucada e usava uma trancinha de couro no tornozelo, com uma sereia de prata presa nela”.

Fiquei apaixonado pela revolucionária. O companheiro do conto também, cada um com sua moça. A minha estava bastante machucada e usava a trancinha de couro no tornozelo. Esqueci a sereia, desviei da ditadura militar.

Na próxima volta no parafuso, a mocinha do Joca recobre o mesmo que Carmela recobra em cima da poltrona. Estava sem sutiã, dá para ver o começo do colo – nada dos mamilos – os braços finos parecem braços de menino.

Ela se levanta para trocar os 5 CDs, feito pentagrama, pé ante pé, feito o flautista.

As caixinhas como livros na biblioteca, pelas lombadas passa a história do Jazz: Scott Joplin, Jelly Roll Morton, *Estranhos frutos*, o saxofonista que morreu drogado, o trompetista que colocaria Louis Armstrong no ministério da agricultura dos Estados Unidos, Ornette Coleman, Roscoe Mitchell, uma lista imensa de músicos malditos. Por fim, Carmela escolheu *A teoria da Big Band*, da Carla Bley, e *Live!*

Na foto da capa – fosse LP era pôster, sendo CD vira foto de cabeceira – Carla Bley se mostra de vestido vermelho, abraça o próprio corpo, sentada na banquetta cinza. O vestido sobe, mostram-se as pernas, e os pés descalços apoiados nas pontas dos dedos.

A pianista lembra uma leoa com juba, uma abelha de cabeça para baixo, um babuíno rezando; levantou o vestido o suficiente para encostar a bunda e a boceta no couro da banquetta cinza, como se fosse *História de O*, e sorria.

Na ordem dos músicos, o nome do marido.

Quando procurei por mais Carla Bley nas fotos do encarte, descobri que o vestido era na verdade a blusa, que para a foto da capa ela havia se livrado das calças, das botas, das meias... Vai ver sentia frio quando se abraçou, feito Narciso.

Quem fala sobre drogados, malucos, damas de honra, sexo explícito, militantes políticos fazendo protesto em Portugal salazarista, às vezes pensa que falamos de Rock.

Carla Bley e a coletânea da Suzanne Vega...

Quem recebe visitas com os concertos de John Coltrane no Japão está testando você. Certa vez, afastei um bolha com *The major works*. A primeira coisa que eles fazem é franzir o cenho, depois se conformam que vão ter de ouvir até terminar.

Carmela tinha o mesmo cabelo e a mesma cor da *Subgirl* da Internet – <http://www.subgirl.com/enter.html>

As peças que formavam Carmela começaram a jogar ao encontro das da *Subgirl*: o nariz-rainha-branca beijava as bocas das torres de olhos negros; a boca-cavalo-negro corria sobre os bispos-mamilos-brancos; as torres das pernas brancas nos vales dos reis negros; negros-brancos-cinco peões em cada pé.

Mescladas, Carmela é a identidade secreta da *Subgirl*, minha vizinha.

Sua melhor foto é aquela da calçada da fama, em Los Angeles. Mini-saia jeans, mini-blusa decotada preta, a bolsa preta a tiracolo, jaqueta azul no braço direito, o pé sujo e descalço pisando nas estrelas de Hollywood.

De costas, exibindo a sola do pé no canto da perna esquerda, na letra K invertida, na hora da estrela, bem que poderia ser Carmela naquela foto.

Quando de tanto olhar para ela, ela acabou olhando para mim – quando de tanto caçar Carmelas, acabei virando uma – a última variação do solo dava os primeiros sinais de que saía dele.

Como a prece que chegasse ao fim, os músicos paravam de tocar; eu e a dona da casa esperaríamos Jesus durante a noite toda, acomodados no presépio em que havíamos transformado a sala de visitas. Havia ouro, incenso e mirra; havia a vaca para dar o leite; um jumento para dar o demo; uma virgem para dar à luz. Havia até o disco voador para trazer o Cristo astronauta de outro planeta e Carmela foge no deserto, eu, do papel bizarro do homem na hora da concepção.

Na hora da saída, Carmela pareceu desperta.

Desci os sete andares como quem lê o apócrifo de São João. Talvez, no passado, a história devesse terminar assim, na hora da missa. Mas quem já afirmou que José de Alencar escreveu os melhores romances da literatura brasileira, no fundo, reconhece o final dos sonhos de ouro.

De volta, já no corredor, ouvi, escapando pelas frestas da porta, outra voz de mulher, a voz da Suzanne Vega cantando.

Menos complicada, abriu a porta. Deixou que lhe beijasse a boca, feito caramelo; como no evangelho, dormi com ela e a Suzanne Vega.

viva vaia

O que se faz com palavras, se desfaz com elas; o nome do salão de festas, rapidamente, pareceu ser o mesmo do poema concreto de Augusto de Campos.

Logo depois, era só o nome do lugar centrado na mensagem, fazendo crer que a poesia está em toda parte. Não está, o refúgio da poesia não é a publicidade.

Não fosse o salão alugado, seria festa de Cosmo, Damião e o menorzinho.

Bem no meio dele, o senhor das moscas.

No caminho do salão, comprei o Visconde de Sabugosa quase do tamanho do aniversariante; no salão das festinhas, até que uma das tias – a ainda adolescente de todas – se divertia montada no cavalinho azul, a bolsa e os saltos no chão enquanto domava o brinquedo.

Além das diversões eletrônicas, a luz estroboscópica e o globo espelhado.

Pensar que deixei o Visconde na entrada entre os demais presentes aumentou a solidão. Muito novo para morrer e jovem demais para o rock-and-roll, olhei boa parte do tempo para as botas do Ray Lomas.

Foi no retorno de uma dessas ausências que eu vi. Um menininho, a cara do Little Nemo, esticou a carreira de açúcar e cheirou. Bateu com o cartãozinho, dividiu em duas, mandou e ainda fez cara de coisa amarga, gosto de remédio.

Depois sumiu.

Saí para fumar cigarro...

Debaixo do arco íris de bexigas, entre a vergonha e o medo, vou estourar um balão. Não estouro, sob o olhar

vigilante do Puro-Osso desenhado na parede, havia duas mocinhas, a loirinha e a de cabelo roxo.

As duas de mãos dadas; a loirinha de tiara preta, presa nos cabelos, de vestido rosa; e a de roxo, dark. A boazinha colocou o indicador e o anel de plástico diante dos lábios, sugeriu segredo para mim e a amiguinha má.

Os poucos adultos remanescentes vão embora, a luz espelhada funciona, um Bolinha, amigável e bochechudo, chamou dois colegas no canto e mostra o punhado de alfafa. Parece comida de porquinho da índia, igual o Hamtaro – disse dando risada, sacode a barriga gordinha apertada na camiseta.

Doidinho, fez aparecer a seda no ar, começou a enrolar o beque. Sacou do Zippo, acendeu a bomba no escuro, o tapa que ele deu, revirando os olhos no ar, como se chupasse sorvete, matava de inveja...

Quando crescer, vai raspar a cabeça, igual o Bruce Willis.

Prometeu isso e o futuro, iluminado pelas luzes coloridas do seqüenciador. Os projetos de vida dos outros meninos ficaram entre eles e as gargalhadas, abafadas pela música eletrônica dos que dominavam o som.

No escuro e bem guardado, já que ninguém me via, reencontrei Little Nemo na fila do banheiro azarando outra menina. Livre dos brincos, o próximo passo seriam as sandálias e o batom na boca do anjinho de cabelos cacheados e nariz nervoso.

Três mocinhas – uma loira, uma ruiva e uma morena – também tiravam os sapatos para entrar no pula-pula com a cartela de doces. A mais comportada parecia a Ginger, só fumava maconha e dava uns golinhos no uísque misturado com Flash Power. Quando o beque acabou, acendeu o cigarro na ponta.

– Elas entraram no pula-pula...

– Eu sei, só que a moreninha é lésbica, vamos só nós dois.

– É nada, já ficou comigo.

– Mentira deslavada.

Entraram, os dois de meias brancas.

Então, de passagem, vi o menino negro, fã do Lester Bowie, soprando a cornetinha azul; a japonesinha tinha as alças do vestido vermelho, como se fosse Serena, falou da Coreia e da China, recitou *Olho de Corvo*, falou de Mian Mian. Ele mandou The Libertines, Sublime, Nação Zumbi; ela recita Delmo Montenegro.

Olha só o tamanho da bomba do Bolinha!

– Eu saí d’um quadro do Botero – ganhava a magrinha, que aparece na revista, com essa conversa mole.

– Não encontrei o cubo de açúcar, acho que esse olho de sogra serve.

– Se liga, eu trouxe de Madri, é verde e tem gosto de anis. Anis verde, igual aos olhos da sua irmã. Se ela não tiver o cubo de açúcar, pede para ela dar um beijo no cálice que adoça na hora, do mesmo jeito.

Não pense que juntei o ópio a meu vício em cocaína, disse Sherlock Holmes, depois de passar a noite toda fumando para pensar, nessa neblina imensa. Quem fuma, como Tom Sawyer e Huck Finn, não fica resfriado, disse a avó norueguesa do Roald Dahl; entre o misticismo imanente de Michael Ende e o realismo socialista de Els Pelgrom, a menina dos beijos de açúcar fica com a última.

Eu já sei o que fazer, Wendy, a fada morre se não tenho idéias, não é apenas o nariz que cresce agora no Pinocchio. A Emília já usava mini-saia; tem um pouco de maconha dentro da bolsa amarela; é a festa da princesa do cabelo azul e do horroroso homem dos pântanos.

conto marrom

Ronald Golias aparece na televisão sobre o ruído branco. Golias poltergeist, paranormalmente, toma forma a partir de todas as formas.

Seu espectro, televisionado, é nítido, surgido das cinzas do incêndio da TV Record.

Assombrando seu lar, Golias te transforma em trapo.

Rememora as lembranças do passado, como dinossauro.

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio 1348, 1964.

Longe da colméia, Zangão chega cedo no trabalho. No futuro, numa briga de bar, esse mesmo Zangão, invocado como ele se dizia, arrumou encrenca. Enforcado pelo inimigo, teve a língua arrancada no dente quando estrangulou. Dois machos brigando e um beijo na boca.

Por enquanto, ele ainda a tem, e fala pra caralho...

Reco-Reco, Bolão e Azeitona:

– E aí, Zangão, chegou uma bola bacana.

Zone Leste, não me lembro a rua, mas o ano é fácil: 1983.

O lugar, visto de fora, parece aqueles em que se tomavam vacinas; a arquitetura antiga transformava a BCG, nos meus tempos de criança, na fórmula secreta tomada na casa do monstro.

Ainda no campo da medicina, dentro de alguns minutos,

começaria a primeira prova dos exames vestibulares da Santa Casa.

Eu, o prédio e a ficha de inscrição na mão direita.

Por que Golias?

Ninguém sabe no mundo do além.

Seus 21 gramas foram propagados no éter que une a dimensão dos vivos a dos mortos.

O que dirá Golias depois de visitar a mansão dos mortos?

Uma nékuia para Golias!

Zangão abriu o sorriso idiota da felicidade.

Pastilhas. Zangão ficava doidão quando chupava drops.

Zangão otário: tirou malho com travesti menstruado.

Zangão fumava tabaco misturado com arruda.

Envenenado, como carro.

Zangão chegou na oficina mecânica pronto para trabalhar sábado de manhã no mesmo ano do golpe.

Reco-Reco, Bolão e Azeitona:

- O Zangão é otário, fica doidão fumando alecrim, fica pilhado cheirando bicarbonato, fica alucinado com Melhoral infantil.

D'Artagnan e os três mosqueteiros dos câmbios automáticos.

Sempre fui viciado em alguma coisa. Os cigarros e a maconha são apenas a manifestação adulta do que foi o inalador Vick e os comprimidos Imosec na pré-adolescência.

Cheirado e cagão, tomava uns Imosecs de manhã para garantir o bom curso das aulas do ginásio.

Cagar é quase religião, verdadeiro *çalât* para alguns. Li no banheiro, às vezes fingindo que estava cagando, boa parte da literatura brasileira. *Escolha o seu sonho*, por exemplo, li no meio da bosta.

Golias, antes vulto macabro, ganha forma humana.
Olha para você, seu estilo é singular.
Inconfundível, de paletó e gravata, o aqualouco chegou na sua casa.
Golias: o anti-Machado, como é o senhor das moscas para Jesus.
Golias vai falar.

Zangão ouviu: você faz o seguinte, Zangão, toma dois agora, vai lá no bar e toma umas pingas para carburar, igual aditivo. Depois, você engole este outro aqui.
E aí Zangão, já tá muito louco?
Ainda não, mas tô ficando.
A brisa, Zangão, bate na roseira e na hera.
Com o que você vai sonhar, Zangão, fruto do placebo?
Vocês já imaginaram Zangão no poder?

Prestei medicina na época.
Quando criança, tive duas imagens fortes de mulher, duas tias: Irmã Glória e Tia Odila.
Irmã Glória trabalhou a vida toda de enfermeira na Santa Casa de Santos; Odila foi vítima de um marido sociopata. Na década de 70, a desculpa de todo machista filho da puta era atestar estafa nervosa; todo filho da puta tinha estafa nervosa.
Glória morreu normalmente, Odila morreu de câncer no pulmão e de tristeza.
Da freira, herdei a possibilidade de escolher medicina entre direito e engenharia. Da tia, herdei o sadomasoquismo e a podolatria, minha melhor herança.

Golias prepara-se para falar.
Ele vai falar e pára.
Calado, olha para cima, olha para frente, finge que

esqueceu, sorri da palhaçada antes de todo mundo.
Perdão, Golias, sua entonação se perde na escrita, como o
Rigveda.

Zangão engoliu a seco as duas pastilhas de Lacto Purga.
Suas abelhas, Zangão, já eram. Seu apelido já era.
Zangão, longe de ser o único macho da colméia, é Zangão
só porque está sempre bravo, invocado, enfezado; cheio de
Lacto Purga pensando que é LSD.

Dos homens da família, herdei uma vontade imensa de
cagar.

Vem da educação e do genoma, cagar é meu alerta
vermelho: antes de trepar, cagar; antes das provas, cagar;
o primeiro ato do dia, cagar; cagar, antes de tudo;
sobretudo, cagar.

Golias:

“Uma vez, eu sonhei que estava todo vestido de marrom.
O sapato marrom.
As meias marrons.
As calças marrons.
A camisa marrom”

A vista de Zangão embaralha quando a água ardente
desce pelo esôfago.

São os efeitos das drogas no cérebro, no corpo, nos
intestinos.

O corpo cartesiano é uma máquina, um carro, igual
àqueles que você conserta na oficina mecânica.

Você, Reco-Reco, Bolão e Azeitona.
Você e todo o Brasil em ritmo de aventuras.

Cagar antes dos exames vestibulares, portanto.

Quando tive de convidar uma mocinha para a valsa dos namorados na formatura do ginásio, caguei. Caguei em casa antes de sair; caguei na lanchonete; caguei na casa dela.

Anaforicamente, também caguei naquela manhã, e queria cagar agora.

– Preciso usar o banheiro.

– Não pode entrar ainda, só daqui a uma hora.

Meu pai, horas depois, afirmou: “esse é o Brasil, um estudante não pode cagar em paz antes de fazer os exames vestibulares”.

Golias:

“Uma vez, eu sonhei que estava todo vestido de marrom.
O sapato marrom. As meias marrons. As calças marrons.
A camisa marrom.
A gravata marrom.
O paletó marrom”

É agora, Zangão, manda a terceira pastilha. Ela vai te ajudar a abrir as portas da percepção.

Nunca se esqueça de que o cogumelo dá na bosta da vaca; não esses do estrogonofe de contra-filé.

Por enquanto, Zangão, você é só idiota.

Quem sabe, um dia, você pode ser corrupto e idiota.

Entrei no primeiro boteco.

Deve ter sido em um desses que o antigo funcionário do meu pai perdeu a língua na briga. Ele não tinha língua e outra tia minha, chamada Ana – a Dodô – não tinha a ponta do polegar esquerdo.

Vai ver prestava medicina para consertar os dois.
O trono do boteco respingava de merda. A dor na barriga
já se fazia imensa, tiros de canhão; nada como peidos
para aliviar a dor de barriga, mas o peido não cura, só
alivia.

Com as folhas para anotação, limpei; com a bunda
branca, sentei; limpar?
Para a ficha de inscrição, olhei.

Golias:

“O sapato marrom. As meias marrons. As calças marrons.
A camisa marrom. A gravata marrom. O paletó marrom.
O chapéu marrom”

A terceira bola acertou Zangão no baixo ventre, como
chute no saco.
A dor, como no interrogatório fascista.
A chuva sobre o barro, o barro transformado em lama, a
lama entorna em água.
Zangão, o cu fechado de medo, dispara porta afora do
boteco.
Cometa, Zangão chega na Brigadeiro Luís Antonio,
número 1348.

Saí na rua.

O homem bosta, transformado em merda pela
radioatividade.

O Coisa feito em bosta, o Hulk da escatologia, o juízo
final.

Atirando merda para todos os lados, cobri os carros de
merda, cobri os vestibulandos de merda, cobri você de
merda.

Golias:

“Uma vez, eu sonhei que estava todo vestido de marrom.
O sapato marrom. As meias marrons. As calças marrons.
A camisa marrom. A gravata marrom. O paletó marrom.
O chapéu marrom.

Aí, (Golias pára, fazendo suspense,
o Hitchcock do humor)

Veio um homem grande...

Zangão, o banheiro está fechado.

(Reco-Reco, Bolão e Azeitona)

A porta trancada.

A privada esmurrada.

Caga no chão, Zangão.

Caga no chão agora.

Cobri você de merda.

Veio um homem grande.

Puxou a cordinha.

E eu fui embora.

papéis convulsos

– Tenho certeza que você gostou de ter sido seguido. Quando é por amor ... – distraiu-se com Carlota matando a taturana – ... todo mundo gosta.

O próximo da fila, não sabia se entrava na discussão.

Ainda casados, Maria Clara e eu passamos pela revista do aeroporto de Amsterdã com três kits de cocaína. Eram três estojos de veludo azul com espelho, uma lâmina de barbear, canudinho de metal e garrafinha de vidro com tampa engenhosa – a trava da tampa em forma de pá. Fomos detidos, junto dos outros presentes encontraram dois relógios através dos raios X. Pareciam bombas, disse um dos guardas, sorridente, que encontrou também os símbolos da cidade entre os chaveiros.

Fruto da partilha, nosso kit circulava pela mesa redonda.

Carlota, Maria Clara e Eliane não eram as três Marias: Carlota era Carlos, Maria Clara era ex-, Eliane era amiga de Maria Clara.

Foragido, poucos entendiam o fato de não odiar Maria Clara.

O espelho chega, mandei por último e ainda fiquei com os farelos para passar no filtro do cigarro. Embora defendesse os direitos da mulher, Maria Clara fez da cozinha obra de arte: cozinhou melhor que nossas mães, enfeitou a geladeira com imãs e cartões postais. Entre eles, velhas fumando charuto, moças e beijos na boca, Camilo Cienfuegos, o senhor Spock no cartão comemorativo do ano de 1969, ano de seu nascimento.

Odeia *Jornada nas estrelas*, odeia o doutor Spock, como desrespeitosamente faz questão de chamar. Contudo, Maria Clara considera o amor um sentimento ilógico; como para Camões, o amor era para ela doença.

Costumava dizer que me amar fez com que se desviasse de seus projetos de vida e aspirações, imersa em manias antes minhas que dela mesma. Comigo foi parecido, adoeci em sua visão de mundo, até quando se recusava a andar de braços dados porque seria machismo.

Carlota foi até a sala para substituir a FM Cultura por Eugénia Melo e Castro, a filha do poeta – maldita cocaína!

Naquela noite, havia sido seguido por amor. Na hora da Ave Maria, Ana Maria apareceu em casa. Furiosa, queria saber por que, no sábado à noite. Com a certeza de que vinha sendo traída, perguntou onde escondia as cordas – outra coisa a que Maria Clara chamava machismo: “seu sadomasoquismo é sua misoginia”. Ana Maria pensava diferente, ainda assim, usava isso para policiar.

Em torno do nada, girava enlouquecida. Foi interessante notar como recolhia detalhes espalhados por aí, fazia com que se encaixassem como quebra-cabeça, ordenava o acaso. Acendia a ponta e resolvia o crime, feito detetive no meio da neblina. O jantar com minha ex-mulher, a preterida, precisava ser escondido; nunca menti tanto na vida. Precisava mentir; mentia porque não fazia diferença dizer ou não a verdade. Não levaria cordas para amarrar a amada, não haveria traição, mas ia escondido.

Saiu transtornada, ofendida por mim. Meia hora mais tarde, saí.

Ana Maria me seguiu pela cidade afora. Na porta do sobrado, revelou-se por instantes; triste, porém convencida. Na mesma lágrima brilhavam o amor sofrido e a certeza de que poderia, enfim, afirmar que tinha razão, que não estava louca, que não era sua imaginação. Descobridora do óbvio, sumiu.

Se Maria Clara via o amor com maus olhos e Carlota cheirava um papel, quem tinha certeza de alguma coisa era só Eliane. No tempo do próximo cigarro, Carlos abriu o travesseiro: quatro carreiras sobre o espelho.

De homem que odiava as mulheres ao adultério contra as namoradas, agora eu era um cara drogado. Toninho Boca

de Latrina, o apelido de infância. “E aí, Latrina, tive que tomá uns biótico porque dei o cuzão prum borracheiro lá na Rego Freitas”. O nariz do Carlota tremia sozinho, involuntariamente.

Iria no teatro sempre, hoje fazia papel de lúmpen. Sem perder a educação jamais, ria das grosserias, entregava as derrapadas de Maria Clara na Alameda Franca.

Eu e Ana Maria nos encontramos através da porta transparente do box do chuveiro. Foi nesse dia que me apaixonei por ela, quando a vi sob as primeiras gotas num efeito raro nos cabelos e pêlos pubianos. Por trás, a ex-mulher e o ex-marido assumindo as homossexualidades; pode tudo na literatura, até Ana Maria aceitar o espelhamento total e assumir o papel de hetero-masquista.

Nesses termos, foram minhas primeiras vezes. Não plenamente, o espelho total nem eu mesmo sabia como seria, anos depois, quando se deu. Ana Maria não me olhava como Maria Clara, permeada por regras tão rígidas como as do Marquês de Sade; olhava curiosa, gostava de ser amarrada e cumprir o papel de submissa. Ana Maria gostou do homem que encontrou em mim, que sabia o que fazer com a mulher emancipada como ela se mostrava.

Quando ia me manifestar a respeito do tema proposto para o banquete, Maria Clara voltou a ser quase minha, entregou a bomba meio pastel. “É para baixar a bola”, disse com os olhos azuis, cheios das nuvens de Amsterdã e de rodas douradas, a máquina do mundo nos olhos de Maria Clara.

Nessa hora, entre a maconha e a cocaína, entre o passado e o futuro, vi Maria Clara em seu esplendor, linda como fora quando mocinha, a velha sedutora em que se tornava. Sua expressão: seu conteúdo – nenhuma diferença entre a que se via de dentro para fora e a outra, de fora para dentro. Isso não importa, ou importa muito pouco no tempo da delicadeza.

Preferi fumar a discutir, preferi esperar se Carlota tentaria me convencer de que todo homem é gay – tanto quanto toda mulher gosta de apanhar. Entre a virilidade e a

histeria, talvez consiga entender um dia por que Ana Maria gostava.

Primeiro à força, segurava os pulsos com a mão direita, prendia os tornozelos com as minhas coxas. Seus pés roçavam no meu pinto duro, eu metia a meio caminho do cu e da boceta, metia pelas costas. Depois, deixou que lhe amarrasse indefesa – bem apertado, porque senão não tem graça – e pediu para ser chicoteada com força, couro que machuca, nada para parecer.

Acreditei que Ana Maria pudesse ter ficado ao invés de partir, teria assumido seu lugar na mesa redonda e fumado comigo. A passagem não foi o fim da relação, por volta de uma semana estaríamos juntos de novo, juntos apesar do amor que fez com fosse seguido.

O amor justifica muitas bobagens, confirma Maria Clara; Ana Maria insiste no que não consegue dar: boa parte do seu amor. Foi deitada na cama redonda, nua, que o espelho se quebrou; decoração na parede e no teto do hotel, lá estava ela em posição fetal, guardando para si o segredo.

Primeiro, sabia que não se sentia à vontade, que o fato de ainda estar casado quando nos conhecemos incomodava – tensa – por isso nada de penetração.

Mesmo amarrada inteira, manteve o olhar platônico, procurando ajuda no reflexo, submissa. Paralisada de medo, das cordas, tive de soltá-la. O que foi agora? Foi que eu nunca fui penetrada por ninguém. Tem vinte e oito anos, viveu cinco com o namorado, nunca havia sido penetrada antes, moralista e perversa.

Outra mentirosa, mentiu desde o começo – eu contei da relação aberta com Maria Clara desde o beijo escondido. Seu masoquismo seria tão verdadeiro como sua virgindade; disse que dependia da relação, com outro homem seria diferente. Nem isso era dela, mas foi através dele que foi possível perdê-la.

Uma noite, longe dos espelhos, cuidei para que perdesse. Ficou de joelhos, o ventre rente ao baú de madeira no meio da sala, deitou-se de bruços na tampa com os braços retos.

Amarrei os pulsos presos na popa, amarrei as coxas nos cantos da proa; os pés eu amarrei cruzados, como X. Escolheu a ball-gag, a bola de madeira no tamanho máximo, para não falar.

Lubrifiquei a vagina e tentei – dura como pedra.

Ana Maria confusa, sempre são dois traumas para tecer a neurose, queria ser e queria não, queria ambos e não queria nada. Comi Ana Maria no estupro consentido, não haveria como parar – Ana Maria amarrada nua – impossível parar. Comi o cu depois de romper o hímen, perderia tudo de vez; gozaria com o pau duro dentro do cu para não engravidar, sexo sadomasoquista para vencer a virgindade neurótica da namorada ciumenta.

Mesmo assim, nunca me olhou de frente enquanto fodia – somente ser pega por trás, à força, senão, fugia assustada.

Essa parte da história eu não contaria à mesa.

Não deu tempo, o espelho voltou e, com ele, os quatro últimos tiros de cocaína. Terminamos o banquete embriagados, o próprio Alcibíades fora incorporado por Carlota, mas não me convenceu – eu, daquela maneira, virgem. O tema de Eliane havia sido esquecido por completo nos fados da cantora; durante a madrugada – entre amigas lésbicas – foi se desfazer nos braços de Maria Clara.

conto vermelho

Em 2005, Del Candeias e eu tivemos em comum um horizonte inútil. Inspirados no Jornal Dobrabil, do Glauco Mattoso, fizemos o primeiro número d'O Vergalho. “Dar um vergalho” significava “dar uma cagada”; no dicionário, vergalho é definido assim: “pinto de boi ou cavalo cortado e seco, azorrague, látigo, açoite, flagelo, punição, marca de pancada, patife, velhaco, homem rijo e forte.”

Escrevemos com nomes falsos e inventamos outras pessoas. Uma delas seria Verônica Vox, a mulher do grupo. O jornal ficou meio bobo, só duas coisas valiam a pena nele: demonstrar que Machado de Assis se parecia com Zé do Caixão; Verônica Vox.

Verônica Vox era feminista, heterossexual, gostava do masoquismo.

O jornal nunca saiu, Verônica nunca existiu, mas um dia eu recebi este e-mail:

Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sóis la ocasión
de lo mismo que culpáis

si com ânsia sin igual
solicitais su desdén,
¿por qué quereis que obren bien
si las incitáis al mal?

Dias depois, recebi duas figuras, um dragão alado e uma serpente marinha para tatuar.

Na terceira vez, enviou as medidas, quanto pesava, sua idade, cor dos olhos e dos cabelos, perguntou se “gostaria de me conhecer”.

Nosso encontro marcado no jardim zoológico, queria ver o muro do rinoceronte. Dia frio e nublado, o rinoceronte parecia estátua de pedra – disse que seria fácil de ser reconhecida, com All Star de cano curto preto e meias arrastão, de vestido e de casaco raros.

Não chegou vaporosa no jardim botânico – o cabelo, fino e comprido, vinha preso na trança que não terminava.

Abraçada ao casaco, pediu para andar devagar, a mocinha mancava das duas pernas.

No meio do caminho, deu para solfejar. Solfejou, inteira, a Polonesa nº 6, em lá bemol maior, opus 53. Terminou sorrindo:

– Meu nome é Verônica Vox, quero saber como você descobriu.

No caminho de volta, aceitou a carona com duas condições: escolheria a música; que pudesse encolher as pernas por cima do banco, sem educação.

Quando se livrou dos tênis, antes de se enrolar nas dobras do casaco, pude ver os tornozelos inflamados entre os vãos das meias. Tirou da bolsa de couro o CD com músicas para piano solo, piano e formações de câmara, piano e orquestra. Na porta de casa, deixou a música tocando comigo.

Entrever Verônica Vox durante a *Alma brasileira*, choro nº 5; a Verônica Vox dos rinocerontes, dias mais tarde, pediu para que a visitasse – não podia sair na rua, mas queria me ver. Abriu a porta vestida na saia de seda listrada de branco

e preto, feito zebra, perguntou se eu não me importava se ficasse com os seios de fora.

Eu me importo – importam os ombros, os braços, os pés – Verônica Vox não podia sair porque não conseguia nem se vestir, nem se calçar.

Os tornozelos continuavam vermelhos, menos inflamados; nos peitos dos pés e no colo, vermelho intenso ao redor das figuras. Verônica Vox vinha se tatuando muito ultimamente, por isso não pode andar direito e não pode se vestir demais naqueles dias. Rendas vermelhas sobre os pés acompanham as curvas como galhos e em novas formas pelas pernas rosas; nos seios, divergem dos mamilos, dividem-se simétricos nas linhas transversais nos ombros; verdes e vermelhos – tons tão variados que parecem outros.

Sacred Hymns, de G. I. Gurdjieff, interpretados por Keith Jarret no piano solo, e um encontro notável na sala de Verônica Vox da próxima vez: Keith Jarret em sua reprodutibilidade técnica, o tatuador travesti, a feminista masoquista.

Abriu a porta da casa dessa vez nua – sem saia de zebra – havia tatuado as coxas e o ventre; havia se furado: umbigo, mamilos e língua, todos ontem. Inflamados por ela, os dos seios ainda sangravam e não conseguiria falar.

A bunda do tatuador travesti parece bunda de mulher quando sobe as escadas do sobrado para preparar o quarto, misturar as tintas, exhibir os bichos no papel carbono e Verônica Vox amarrada na cama, de bruços, para ser tatuada nas costas.

Esperava muda, a língua inchada ao redor da jóia, presa no divã.

Todo o tempo do mundo preso numa tarde; horas a fio, Verônica Vox gemeu sem poder falar.

Lolita from hell

*anseia
pela buceta
da sereia*

*coisas
impossíveis*

Joca Reiners Terron

O último boletim do condomínio alertava dos perigos em alimentar pássaros com milho de pipoca. Pássaros transmitem doenças, as pombas são animais sujos e pestilentos.

Sugestionado, vi um deles pairando no ar sobre o condomínio, em forma de nuvem, como se alguém viesse buscar seu filho Jó.

Então, ela saiu da água, como na Dinamarca.

Os nove edifícios nos cantos do eneagrama; no meio, a piscina era o décimo canto.

Na altura do Sol, meio-dia, saiu para respirar e afundou de novo.

No começo, pensei que seria só uma menininha; na refração da água, o fundo da piscina faz a mocinha parecer criança.

* * *

Já a havia visto outras vezes pela praça do condomínio. Nos finais de semana, se não chovesse, gostava de ajudar a mãe a lavar o carro.

Fazia pouco caso da tarefa, fazia aquilo por prazer – faria outras coisas.

Talvez se imaginasse obrigada, fazer por castigo – misturar Cinderela e Justine, como Dennis Kramer. Deixava que a mangueira lhe ensopasse as roupas, tirava os sapatos ou já descia descalça.

* * *

Certo dia, a água.

A tampa escorrega e fecha o tanque com a mangueira da máquina de lavar, a água escoo, vai no quarto dos fundos para molhar o caixote de papelão da coleção completa da revista Kripta.

Acordei no curso da história de terror; dispus as revistas pela casa, feito tapetes, esperei secar depois da meia-noite.

A maldição da caveira, roupas rasgadas pelos cemitérios, vão devorar carne humana pelas catacumbas, torturadas nuas... As vítimas e as bruxas bonitas; em 1976, quando foram lançadas no Brasil, eu tinha 12 anos.

Na número 1, o príncipe das trevas carrega a noiva nos braços, dourada nos cabelos e no vestido solto para ver o seio, as pernas, os pés. Horror estampado nas mensagens subliminares na capa, o vermelho escuro e o caminho curvo traçado até o castelo, feito cume da montanha, imperador do pólo norte contra céu convulso.

Mas também pode ser que a salvasse. Arrancada da cama, o vestido vira camisola; raptada, feita prisioneira; a tortura e o estupro até a dor e o medo, enlouquecida, fuge no desmaio.

* * *

Hoje, quando subiu de elevador comigo, apoiou-se na parede como se estivesse de costas para o muro.

Estava mais velha, mostrava os piercings e parte da tatuagem feita na cintura – dois corpos de leão se encontram na mesma juba, na mesma cabeça e boca.

Ainda ontem, a via na piscina, de biquíni rosa; atravessou o pátio e entrou, deixou a trilha de água.

Verei também sair envelhecida, a disfarçar o verde com batom. Saltos mais altos, calças difíceis de entrar, e até admirar a agilidade com que troca de namorado.

* * *

Em uma das histórias da Kripta, o cara perde a mão direita. Colocam no lugar o punho de ferro, no punho novo ele parafusa armas e ferramentas. A mão amputada pela esposa, vítima da mesma doença, a médica chinesa cura.

Ao reler, pareceu mais curta; com 12 anos, quem demorou nos quadrinhos fui eu. As personagens contaminadas pela doença lunar se tornam sedutoras; invocam Lepula, perdem as roupas e a alma na cor branca dos olhos.

A médica chinesa e a bióloga ariana, no fim da história assolada pela paranóia, são tentadoras; as loucas têm seus transtornos para dar vantagens, armadas com facas, metralhadoras e correndo descalças pelas ruínas do planeta Terra.

* * *

Ela havia descido para namorar. Desceu com alguns livros nas mãos, deu as mãos para o mocinho da motocicleta.

Ele, de capacete, parece o herói astronauta – aquele que, anos depois, reencontra o cara do punho, já velho e maneta, nos escombros do Apocalipse.

Hunter, o Spectro e a Múmia. Na contra-capa da número 1, o resumo da número 2: um zumbi massacrando esqueletos; Hunter observa a moça seminua amarrada no tronco; a múmia, viva no século XIX, pronta para estrangular a dama de camafeu e decote cavado.

Estacionei na vaga da garagem. No elevador, nenhuma luz se pronuncia; vou devagar, iluminado só pela tarde que bate da rua nos ladrilhos da parede cinza. Quase sempre quebrado, naquela tarde parou por falta de energia elétrica.

Na curva do subsolo, partindo do térreo, ela entrou por ali, antes de mim.

O cabelo liso desce preso na trança, segue pela coluna e os quadris. Quase em silêncio, chegava escondida, a sola do pé descalço estala suave no chão da escadaria, às vezes não fazia nada. As calças azuis paravam no começo das pernas, deixa ver as articulações do tornozelo, o calcanhar, os dedos um por um.

Por isso, estaria nua; desleixada e nua, o pé sujo nos arcos quando toca o chão, liso no meio quando não tocava, as unhas claras no escuro.

A calça justa, sem sutiã, a camiseta de mangas até os pulsos tem o número menor para estar apertada e curta.

A espera – outra história de terror da revista – agora, um condenado à força, as memórias do crime passional, as tentativas de fuga. Na hora, nos corredores do prédio, as roupas azuis roubavam a cor das paredes e ficavam cinzas também, como as do condenado; ela condenada a perambular pela cela, oprimida, já fazia parte da história.

Seria vítima da inquisição, acusada de bruxaria, atormentada até confessar seus pactos com o demônio. Obrigada a se despir, será obrigada a ver os aparelhos de tortura a esperar por ela; seria ela o monstro, o vampiro, a morta viva. Feita para o mal, cabe caçá-la, defender-se dela; presa numa jaula, ter de alimentar sua sede maldita com outras vítimas para que se preserve.

* * *

O que vou contar agora se deu naquele tempo, o tempo da menina.

Aconteceu depois da escadaria, quando se transformou em terror. As dores no peito como se fumasse mais, a falta de ar virava sono convulso, anseio crônico... Virou síndrome do pânico. Dentro de poucas semanas, parei de sair nas ruas; agorafóbico, qualquer desordem me incomodava bastante.

Nos primeiros dias, nem percebi que vinha tendo ereções. Acordava com o pau dolorido, cansado, vermelho; muitas vezes me peguei de pau duro, antes de gozar, mas o gozo não vinha.

Andei a esmurrar o vazio enquanto sonhava, encontrava o vento – lufada de ar quente mesmo nas noites mais frias, tomou forma de neblina densa, virou chuva quente para ser tocada.

Zumbia, voava, era maior; deixou suas marcas no peito. Na hora do pesadelo, a sombra estica feito borracha, pode andar por entre os seres vivos, pode machucar.

Abri os olhos no meio da noite, ela brilhava incandescente como ferro em brasa, ela por cima de mim. Fantasma, atravessou as paredes para pousar; abriu as asas, coruja.

Pesa sobre o coração, passeia sobre mim descalça, segura meu pau ao punhetar constante. Chupa, mete dentro do cu, da boceta, mete entre os seios. Faz com os pés – mete o pau dentro da boceta e os pés, na minha cara.

Parecia nova, adolescente, parecia que ficava velha, de cabelos brancos, moça, de cabelos verdes.

Parecia Flora e parecia súcubo.

* * *

Daniela estava deitada na cama, com as pernas cruzadas, enquanto lia alguma bobagem perdida nos livros. Exigiu que trocasse os lençóis e a fronha; disse, sem perceber, que eu dormia com qualquer uma.

Através da janela aberta, poucos ouvidos dava para Daniela, de pernas cruzadas, as linhas das coxas e os pés – o livro escondia o ventre e os ombros, comentava o que lia.

Através da janela aberta, em outro quarto, em outros tempos, outra menina me leva de volta a daqueles dias. O cigarro é desculpa para me estender ali, não tirava os olhos do carro estacionado na rua; uma mocinha, vizinha como aquela, vista pelo vidro da frente colocou os pés descalços em cima do porta-luvas.

No escuro, a noite havia roubado a cor das unhas pintadas, o esmalte parecia preto... Quando Daniela perguntou o que estava fazendo, sinceramente, respondi.

No meio do caminho, entre a amizade estranha e o namoro que não começaria jamais, ela não deveria se importar, continuou a falar do primeiro romance em língua portuguesa escrito no Timor.

A última volta do trem fantasma é assim: ou há uma piada, ou uma mulher bonita. Às vezes, são as duas.

memória seletiva

para Flávia Rocha

1.

A ordem foi mais ou menos essa: a capa azul, a foto preto e branco na contracapa, comprei o livro.

A casa azul ao meio dia, parecia nome de raga.

Então eu li:

Uma torrente qualquer
que nos drague ao subsolo:

as mãos imersas numa solução
de terra, água, pedaços de flores.

Ou então nos escoe
para longe de tudo o que éramos

e nos extravie
entre coisas diversas de flores.

Perdi de vista os outros poemas, menos a foto.

A autora me encarava cheia de sentido. Capturada, como se protegesse suas poesias, ela pensava o que eu pensava: as fechaduras da porta da frente são de saída, não de entrada; ela faz a pose lá dentro.

Depois, a rede de futebol (?) e a janelas transformaram o lugar num pátio de colégio; virou uma colegial. Quando presto atenção no decote, vejo que as bolinhas da camisa são flores, as pétalas parecem ser cinco e eu vi estrelas.

Longe de se resolver, comecei a construir a parte de baixo. Calças jeans, saia, mini-saia, shorts... Sem mostrar as mãos, fica difícil imaginar os pés; dá para imaginar o colo e a cintura pelas linhas do nariz. Se o cabelo fosse enrolado, a moça da foto seria a cara da Luluzinha – cara de menina boazinha – imaginei, se não estivesse descalça, pelo menos mostrava os dedos dos pés.

Talvez tenha sido por isso que resolvi sair com a Pomba Marina. Em meu bestiário, há, até agora, três animais: o boi de vários pintos, o dia de caça ao Marquinhos e a Pomba Marina.

Na verdade, vacas não existem: ou há bois de um pinto só, ou bois de vários pintos; o Marquinhos é o mocinho que dá para ver da janela de casa – quando ele passa com o namorado, é dia de caça ao Marquinhos; tem a Pomba Marina.

Pode ser mais difícil do que parece descrever a moça. A beleza de Marina não cabe nos meus versos, sua singularidade não cabe também. Marina eu vejo inteira, pouca coisa fica para imaginar, mas gosto de falar durante a foda.

Eu falava bastante, ela não me ouve direito; falava bobagens, xingava de puta e ela dizia “o quê?”. Marina a procurar os sons no ar como uma pomba; Marina também se parecia com a poetisa.

2.

Parei em frente às barracas de fruta e esperei.

Marina chegou deslumbrante, misturou seu perfume ao da melancia.

São dez horas da noite, eu recomponho, por anatomia, um corpo orgânico aos bocados. Descubro seu rosto no pêssego, os seios parecem com maçãs. As jabuticabas, negras e unidas, dão cor a seus cabelos lisos, e as ameixas, de pele vermelha, colorem Marina no que ela me mostrava. Os olhos pretos são as uvas pretas, a boca é o vermelho do caju, o hálito doce como a fruta do conde.

Veio de casaco e botas de couro preto – da blusa eu me esqueci – a saia mais florida do mundo, no outono e na primavera.

Parecia a poetisa, só que de cabelos longos.

Começou a falar de cinema; eu só gosto de filmes de terror e de kung fu. A perna lisa brilha sem meias entre o couro da bota e as flores, os ombros brilham quando se livra do casaco e esbarra nos vidros do carro.

Queria colocar outras palavras na boca de Marina, em uma torrente qualquer e ela não abria espaço. Minha fala é amuo; dona da voz, Marina a preencher os turnos da conversa.

Mais tarde, dragada ao subsolo, mostrou o que não se vê na fotografia do livro de poesias – nada abaixo da cintura, imersa numa solução de terra, água, pedaços de flores. Foi assim, disse que não gostava de que gozassem sobre sua pele, disse mais algumas coisas, como uma torrente qualquer, que nos drague ao subsolo.

Menti que não havia camisinha no criado mudo, Marina viu fantasma na sala quando parecia a Maja, daí em diante foi a continuação das paradas, a fila das bonequinhas russas, a flor fora do vaso, foi o pinto quase duro e a risada quase sem graça.

Foi assim:

Marina

o dia na janela raia

chegou a hora

de voltar pra casa

3.

O pão de queijo parecia um peito murcho vazando requeijão.

Esperei Marina cruzar o portão, acenou adeus – o vento fez voar os seus cabelos pretos, ela cobriu o mundo e a cachorrinha com a barra da saia.

Depois me perdi na imperfeição do caminho cheio de curvas, o espaço-tempo dobrado pela gravidade; cheguei a reconhecer a banca de frutas, a fronteira Osasco-São Paulo, a avenida, o posto de gasolina, o café.

Então veio a comparação, o Sol nasceu na zona oeste e fez brilhar o asfalto com sua cor prateada.

Como um rio de chumbo, convertendo ouro em prata, a Avenida Corifeu de Azevedo Marques desaguou numa série de viadutos para se fundir no horizonte comigo, para longe de tudo o que poderia ser, entre eu e as coisas diversas de flores.

Esta obra foi impressa em sistema digital sob demanda com a tiragem de 500 exemplares, o que corresponde ao consumo de 1 árvore reflorestada sob a norma ISO 14001.

RECICLE SEMPRE.



www.linearb.com.br
Tel. (11) 3812-2817